

formarmos, no setor brasileiro, legiões batalhadoras capazes de secundar dignamente os heróicos companheiros de todo o mundo, sob o comando supremo da Internacional Comunista.

A revolução socialista na Rússia e a origem do marxismo no Brasil

MARCOS DEL ROIO*

Esta nota, de nome até certo ponto pretensioso, tem, no entanto, a limitada intenção de lembrar a importância da Revolução Russa nos rumos do movimento operário e na origem do marxismo no Brasil, rastreando sumariamente a trajetória de Astrojildo Pereira no período que decorre do início da revolução na Rússia até a fundação do partido comunista no Brasil. Sabe-se que esse período coincide com o apogeu e crise do movimento operário de inspiração anarco-sindicalista em terras brasileiras e que o jornalista Astrojildo Pereira foi destacada expressão da cultura libertária nos anos dez deste século...

A revolução popular socialista que eclodiu no Império russo e se espalhou para a Europa centro-oriental constituiu elemento decisivo e fundamental na crise do Ocidente. Tendo tomado a forma de guerra civil de maior ou menor intensidade entre 1914 e 1945, a crise acoplou-se às tensões gestadas no Oriente pela própria expansão predatória do Ocidente, movido pela dinâmica da acumulação do capital, possibilitando a emergência de forças sociais antagônicas à ordem que tiveram a oportunidade de chegar ao poder na Rússia em novembro de 1917; a partir de março de 1919, organizaram-se numa Internacional Comunista com o objetivo de defender a revolução socialista na Rússia e de expandir o movimento, principalmente em direção ao coração da Europa.

* Marcos Del Roio, professor de Ciência Política da Unesp (Marília) e diretor do Instituto Astrojildo Pereira

Dentro do quadro da crise do Ocidente, a Revolução Russa e a fundação da IC tiveram um significado teórico-prático da maior relevância. Em primeiro lugar por representar a insurgência das classes subalternas do Ocidente (ou de parte delas) e das massas populares de vastas áreas do globo contra a dominação imperialista e, depois, por ter significado uma refundação do marxismo, demarcando uma cisão teórica e organizativa com o reformismo predominante e que preservava a subalternidade do movimento socialista diante da liberal-democracia. Assim, o impacto e o significado universal da revolução socialista na Rússia são indiscutíveis, pois se não conseguiu nem de longe atingir seus objetivos libertários e humanistas, o fato é que condicionou toda a história política e a cultura do século XX, acendendo a esperança ou a ira de milhões de seres. O impacto universal da Revolução Russa provocou então a reação das forças políticas e culturais associadas ao capital que se viram obrigadas a utilizar a violência aberta contra as classes subalternas insurgentes e a repensar o liberalismo e toda a alta cultura burguesa (submetida ela mesma a uma crítica reacionária). O produto disso tudo foi a emergência do fascismo e do americanismo como alternativas de recomposição da ordem do capital.

Por outro lado, e isso é o que mais interessa nessa nota, as lideranças do movimento operário, por toda a parte, receberam o impacto teórico da Revolução Russa e tentaram com êxitos muito variados assimilar um novo instrumental para a luta social na qual estavam diretamente envolvidos. Evidente que esse influxo se chocou com a tradição cultural e organizativa do movimento operário, postado nas mais diversas formações sociais conduzidas por diferentes padrões de acumulação e de exploração da força de trabalho, criando novas sínteses. Os ecos da Revolução Russa nesse desdobramento subalterno do Ocidente, constituído na América meridional, tiveram sua inegável importância, apesar de relativamente débeis. A distância geográfica e cultural, somada à distorção e à insuficiência de informações, condicionaram e limitaram-lhe o impacto. Ademais, tratava-se, nesses países, de formas sociais nas quais predominavam a acumulação mercantil do capital, onde a classe operária mantinha um perfil artesanal (quando não envolvida em atividades extrativas).

No caso brasileiro, o ideário socialista surgiu mais sob a forma de uma esquerda positivista no momento de mudança do regime monárquico para o republicano do que pelo influxo da teoria marxiana, ainda que sob a ótica reformista, sendo Marx, na realidade colocado no mesmo pedestal

de um Comte, Spencer ou Haeckel. Já na primeira década deste século o reformismo havia sido superado pelas tendências anarquistas em meio às mais destacadas lideranças do movimento operário, embora também essa vertente estivesse permeada pela visão cientificista. Essa liderança anarquista e anarco-sindicalista conduziu o primeiro grande embate de classe que perpassou o embrionário proletariado industrial do Brasil, entre os anos 1917-1920.

Não é mera coincidência que esse período seja praticamente o mesmo que o da revolução socialista na Rússia e Europa centro-oriental, pois que a crise do Ocidente expressa na guerra imperialista se fez sentir no Brasil (assim como em outras partes do continente) pelos dificultados fluxos comerciais e pelas relações internacionais. Esse período refletiu ainda um poder de barganha maior da força de trabalho na medida em que recursos maiores, antes inseridos no circuito internacional da acumulação, passaram a ser revertidos para a indústria. Por sua vez as notícias do andamento do processo revolucionário na Rússia alimentaram o já impregnado voluntarismo das lideranças anarco-sindicalistas na sua luta contra o patronato e o Estado liberal-oligárquico.

A primeira fase da Revolução Russa, com a reafirmação da aliança político-militar com as potências liberais do Ocidente não suscitou oposição na imprensa liberal, pelo contrário. Enquanto isso nos meios operários, a participação popular alimentava expectativas as mais variadas, ainda que o cenário parecesse bastante obscuro. Além de Antônio Bernardo Canelas, desde o Recife, com um interesse militante pela Revolução Russa e pela atividade internacionalista, incluindo viagens à Europa, foi Astrojildo Pereira que, no Rio de Janeiro, *em todos os momentos* se destacou na recepção, defesa e difusão da Revolução Russa no Brasil, além de ser aquele que melhor entendeu seu significado histórico.

Em meados de 1917, por meio das páginas de *O Debate*, Astrojildo Pereira, com toda a carência de informação, procura deslindar os acontecimentos da Rússia, tendo percebido, com grande lucidez, a existência de uma dualidade de poderes entre a Duma, que “representa a burguesia moderada e democrática, ao passo que o Comitê de Operários e Soldados representa o proletariado avançado, democrata, socialista e anarquista”.¹⁹ Antecipa ainda a tendência que levaria o proletariado ao poder e a repercussão internacional que esses acontecimentos teriam. Logo depois, Astrojildo Pereira, analisando a situação da guerra, sugeria a virtual

19. *O Debate*, ano I, nº 1, 12/7/17

impossibilidade de um desfecho puramente bélico para o conflito. Para o intelectual anarquista, a guerra só seria concluída com um acordo entre as potências beligerantes ou então pela insurgência revolucionária dos povos contra os governantes, tal como havia já ocorrido na Rússia.

A declaração, em fins de outubro de 1917, do estado de beligerância contra a Alemanha serviu de argumento para o governo brasileiro promover a divisão e a repressão ao movimento operário, atacando as sedes dos sindicatos e fechando a imprensa operária que se opunha à guerra e pregava a revolução social. E uma das vítimas da sanha policial foi precisamente *O Debate*. Com a tomada do poder na Rússia pelos soviets hegemônicos pelos bolcheviques, menos de duas semanas depois, o pânico das classes dirigentes de todo o mundo e também do Brasil frente à insurgência operária só fez aumentar, manifestando-se em redobrada repressão. Por outro lado, o movimento operário recebia um novo alento de um exemplo concreto de poder operário-popular instaurado nas longínquas terras russas.

A partir de então, Astrojildo Pereira iniciou uma frenética atividade epistolar, enviando cartas e mais cartas para a imprensa liberal e conservadora, rebatendo as calúnias desferidas contra a Revolução Russa, postando-se incondicionalmente em defesa do que qualificava como socialismo libertário. Como poucas dessas suas cartas foram publicadas, optou pela edição, vindo a lume em março de 1918, de um pequeno folheto intitulado *A Revolução Russa e a imprensa*, assinado com o pseudônimo de Alex Pavel. Defendia o “caráter profundo, de verdadeira *revolução*, isto é, de transformação violenta e radical”²⁰ tomado pela Revolução Russa, precisamente o que fomentava a oposição da imprensa do Rio de Janeiro, com a qual se confrontava o persistente militante da causa operária.

Nessas páginas, atacou a incongruência de Lenin ter sido tachado de agente alemão, referindo-se a ele como velho militante socialista. Astrojildo já sabia que os maximalistas (como então eram mais conhecidos os bolcheviques) eram uma fração dos socialistas russos e que, portanto, Lenin não era precisamente um anarquista. Chegou mesmo a exagerar, dizendo que “o programa essencial de todos os partidos socialistas consiste precisamente no combate aos instrumentos e aos partidos da tirania e

20. Astrojildo Pereira, *A Revolução Russa e a imprensa*, março de 1918, p. 2.

21. *Ibidem*, p. 7

espoliação”.²¹ Tomou posição igualmente favorável aos maximalistas em relação à paz de Brest e à questão das nacionalidades. É realmente muito difícil afiançar, dessa forma, já em princípios de 1918, que Astrojildo Pereira fosse um anarquista em senso estrito!

Como maneira de fazer frente à ofensiva policial contra as publicações do movimento operário, Astrojildo Pereira tomou a iniciativa de publicar sob sua exclusiva responsabilidade um pequeno semanário chamado *Crônica Subversiva*, que circulou de junho a outubro de 1918. Por meio de suas páginas deu continuidade à batalha em defesa do movimento operário do Brasil, da Revolução Russa e contra a guerra imperialista. Sempre em defesa da ação dos bolcheviques, denuncia a campanha orquestrada pela imprensa internacional contra o governo soviético e reafirma ainda uma vez sua convicção de que a guerra não tinha solução militar viável e que somente poderia ser encerrada pela irrupção revolucionária dos povos. Percebeu também com notável clareza que o novo elo fraco da corrente encontrava-se no império austro-húngaro.²²

Com a tensão estimulada ao máximo pelas notícias que chegavam de início da movimentação revolucionária na Áustria-Hungria e na Alemanha, implicando a paralisação da guerra, na segunda quinzena de novembro de 1918 foi tentada no Rio de Janeiro uma insurreição proletária, convocada e conduzida pelos principais líderes anarquistas, incluindo Astrojildo Pereira que, como muitos outros acabou sendo preso. Apesar desse fracasso, a retomada do movimento grevista, a partir de abril, e as notícias da revolução na Baviera e Hungria, ensejaram a rápida rearticulação da liderança operária antagônica à ordem liberal. Com a fundação da IC, em março, a palavra *comunista* foi se difundindo junto com maximalismo e bolchevismo. Essa série de acontecimentos desaguou na fundação, em junho, de um “partido comunista” no qual predominava o ideário anarco-sindicalista, mas que já indicava a crise ideológica de graves proporções que se seguiria.

Durante o segundo semestre foi publicado semanalmente o *Spartacus*, no qual Astrojildo Pereira aparece como chefe de redação. Alguns documentos da IC foram publicados nessas páginas, com destaque para *A democracia burguesa e a democracia proletária*, redigida por Lenin. Nesse e noutros jornais, assim como em manifestações públicas, multiplicava-se a solidariedade do movimento operário brasileiro à Revolução Russa contra

22. *Crônica Subversiva* I (5), 26/6/18, p. 1.

a intervenção imperialista. O próprio título do periódico lembra a Liga spartaquista alemã, embrião do KPD (Partido Comunista da Alemanha). É mais que provável que Astrojildo Pereira estivesse iniciando sua trajetória teórica em direção ao marxismo refundado por Lenin (e Rosa Luxemburgo), passando pela fórmula intermediária do “anarco-comunismo”.

As notícias que chegavam dos conflitos entre bolcheviques e anarquistas na Rússia não vinham obtendo credibilidade, por conta das costumeiras inverdades veiculadas pela imprensa. O agravamento desses conflitos e a marginalização definitiva dos anarquistas, a partir do segundo semestre de 1919, no entanto, vieram se refletir num solo mais fértil, no qual estavam visíveis os limites da estratégia anarco-sindicalista de luta e a crise ideológica parecia inelutável. As primeiras dissensões sobre a natureza da Revolução Russa e do novo regime começaram a aparecer nas páginas do *Spartacus* e da publicística anarquista em geral. Em janeiro de 1920, o *Spartacus* foi substituído pelo *Voz do Povo*, tendo servido de instrumento de preservação formal da unidade do movimento e de organização do 3º Congresso Operário Brasileiro, realizado em maio, que aprovou moção de simpatia pela Revolução Russa e pela IC.

O esgotamento do impulso do movimento anarquista que vinha desde 1917 e a indefinição do congresso operário fizeram emergir a discussão sobre a necessidade de um partido operário. Num primeiro momento as tendências reformistas sentiram-se reforçadas diante da crise e da presumível cisão na liderança anarco-sindicalista, provocando uma reação crítica contra a política parlamentar. No entanto, o influxo da Revolução Russa, ainda que precariamente, veio a dotar uma parte da antiga vanguarda anarco-sindicalista de um instrumental teórico que apontava para alguns princípios elementares do marxismo, quais sejam a necessidade de um partido operário, tendo em vista a tomada do poder e a construção de um novo Estado, sob a forma de ditadura democrática do proletariado.

O divisor de águas passou a ser então a questão do partido e a questão russa, isto é, a direção e o significado dos acontecimentos revolucionários naquela parte do mundo. O debate, inicialmente cordial, foi tomando tons sempre mais enfáticos e ríspidos, até que em novembro de 1920, nas horas finais de vida do *Voz do Povo*, a situação se precipitou com a divisão aberta entre os que continuaram apoiando a Revolução Russa e os que passaram a criticá-la. Astrojildo Pereira, porém, continuou contribuindo com o novo jornal anarco-sindicalista *A Vanguarda*, defendendo em suas páginas uma reorganização do movimento sindical sob formas mais centralizadas, baseado nos exemplos da americana I.W.W. e da

Confederação Sindical Soviética.

De maneira muito cautelosa e discreta, em torno de Astrojildo Pereira, por conta do movimento de solidariedade aos flagelados do Volga, estava-se aglutinando, desde setembro de 1920, um pequeno grupo que discutia a questão russa e o projeto de partido. Estimulado pela visita de um delegado da IC que lhe deu conhecimento dos documentos do 3º Congresso da IC (realizado em junho de 1921) e pela possibilidade de participação no Congresso seguinte, Astrojildo Pereira acelerou o processo tendo em vista a fundação da nova organização revolucionária. Em 7 de novembro de 1921, quarto aniversário da tomada do poder pelos bolcheviques, se constituiria o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, polo de aglutinação de outros grupos similares que viriam a formar o partido comunista (seção brasileira da IC). A questão russa serviria ainda de ingrediente no debate ideológico no processo de formação e nos primeiros tempos de existência do PCB, necessitado de demarcar sua original identidade diante de reformistas e anarquistas, momento em que a revista *Movimento Comunista* cumpriu papel de destaque.

Em tais circunstâncias, Astrojildo Pereira deve ser considerado o primeiro marxista brasileiro, não por qualquer produção teórica de grande destaque, mas por ter sido o primeiro a vislumbrar no marxismo de extração lenineana um instrumental teórico-prático capaz de superar os limites e a crise da cultura operária antagonista no Brasil, preparando-a para a inserção contraditória da modernidade capitalista que os anos vinte estariam anunciando. E por ter, melhor que qualquer outro no Brasil, percebido a universalidade da Revolução Russa e a necessidade de se fundar um partido da classe operária acooplado, através da IC, a essa universalidade. Esse caminho, o único possível a fim de se encetar as condições de um

novo antagonismo social respaldado teórica e culturalmente no refundado socialismo-marxista, mais adequado ao tempo de crise do Ocidente que então se vivia, Astrojildo Pereira enveredou ao definir-se pela *cisão*, não só contra o insuportável e declinante mundo da dominação oligárquica, mas também, e coerentemente, contra o dogmatismo anarquista.

A influência da Revolução Russa no movimento libertário brasileiro

JOSÉ ANTONIO SEGATTO**

Já a partir de 1917, o movimento operário brasileiro recebe o impacto da Revolução de Outubro na Rússia. As repercussões da revolução bolchevique empolgam as lideranças anarquistas e socialistas que estavam na vanguarda das lutas e organizações de vários setores de trabalhadores.

Num primeiro momento os militantes, principalmente os anarquistas, tiveram da revolução uma imagem muito vaga, imprecisa e confusa: acreditavam ser a Revolução Russa de caráter libertário, saudando-a em sua imprensa como sendo “uma revolução do tipo libertário, abrindo caminho ao anarquismo”.²³ Essa crença, aliás, manteve-se viva até, pelo menos, meados de 1920.

Ao longo desses anos, os jornais e periódicos anarquistas publicaram artigos e reportagens sobre a Revolução de Outubro, a revolta espartaquista, a Comuna húngara, os conselhos de fábrica italianos, além de artigos de diversos líderes comunistas. O semanário *Spartacus* do Rio de Janeiro publicou em 1919 a “Mensagem aos trabalhadores americanos” e “A democracia burguesa e a democracia proletária” de Lenin e o artigo “Grande época” de L. Trotski. São publicados ainda nos vários órgãos da

** Historiador, professor do Departamento de Sociologia da Unesp, campus de Araraquara;

23. Astrojildo Pereira. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 61 e 62.

ROIO, Marcos Del. A revolução socialista na Rússia e a origem do marxismo no Brasil. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.5, 1997, p.117-123.

Palavras-chave: Revolução Socialista; Marxismo no Brasil; Movimento Operário.